

Indústria

A indústria de couros no Brasil: desempenho superior ao da indústria calçadista em 2006*

Silvia Horst Campos

Economista, Pesquisadora do Núcleo de Análise Setorial da FEE e Professora da PUCRS

O presente artigo tem por objetivo analisar o desempenho recente da indústria de couros no Brasil e no Rio Grande do Sul, que, ao contrário do da indústria calçadista, foi positivo no primeiro semestre de 2006. O texto inicia com uma breve caracterização da indústria de couros no Brasil, para, depois, centrar a análise na evolução da produção e da exportação de couros e afins, destacando o conflito entre couro acabado e couro *wet blue*. A última parte do artigo examina o comportamento dessa indústria no primeiro semestre de 2006, relacionando-o com o da indústria calçadista. Ao longo de todo o texto, são enfatizadas as estratégias que vêm sendo adotadas com vistas à obtenção de exportações de couro com maior valor agregado.

Breve caracterização da indústria de couros no Brasil

A indústria de couros brasileira, constituída pelas segmentos de curtumes e de artefatos de couro, é formada, em sua maior parte, por empresas de pequeno e médio portes e de capital predominantemente nacional. Tais segmentos, juntamente com calçados e componentes para couros e calçados, representam as principais indústrias da cadeia coureiro-calçadista. Os demais segmentos que integram a cadeia são máquinas para couros e calçados, frigoríficos e o setor pecuarista.

A cadeia coureiro-calçadista é estratégica para o Brasil, tanto do ponto de vista da produção e do mercado

interno como do comércio externo e da geração de empregos. A atividade movimenta em torno de US\$ 21 bilhões anuais — tendo exportado US\$ 4,2 bilhões em 2005 —, reúne mais de 8.000 empresas e absorve mais de 700.000 mil trabalhadores (Fernandes, 2006).

O Brasil é um dos maiores produtores e exportadores de couro e de calçados do mundo, com um expressivo mercado interno, que absorve 70% da produção nacional, a qual se desenvolve em diversos pólos produtores regionais, com diferentes condições econômicas, históricas e culturais. Além disso, o País possui o maior rebanho bovino comercializável do mundo, superior a 200 milhões de cabeças, o que lhe confere grande vantagem comparativa internacional.

Conforme dados da RAIS-MTE para 2004, apresentados na Tabela 1, a indústria brasileira de couros é constituída por 813 curtumes e 2.818 empresas fabricantes de artigos de couro, de vários portes e diferentes níveis tecnológicos, sendo que apenas 20% podem ser classificados como médias e grandes empresas. O segmento gera 82.000 empregos diretos formais, mas estatísticas da Associação das Indústrias de Curtumes do Rio Grande do Sul (AICSul) apontam a existência de aproximadamente 175.000 empregos no total. Nos curtumes, especificamente, observava-se o registro formal de 43,7 mil empregados, porém esse montante não incorpora os autônomos e aqueles que trabalham em frigoríficos que possuem setor de curtimento próprio. Soma-se a isso a existência de vários curtumes artesanais, sem registro formal, produzindo para mercados regionais de calçados rústicos e artesanatos, que respondem por parcela representativa dos empregos informais¹ (Azevedo, 2002).

* A autora agradece os comentários da colega Clarisse Chiappini Castilhos à versão preliminar do artigo e à estagiária Cristiane Fumegalli pelo apoio técnico. Artigo recebido em 26 jul. 2006.

¹ Vale lembrar que a informalidade é expressiva na cadeia coureiro-calçadista, particularmente na indústria de calçados.

Em termos espaciais, os dados da Tabela 1 permitem identificar a presença de uma forte concentração regional das indústrias da cadeia coureiro-calçadista, pois quatro estados respondiam por 80,58% do total de estabelecimentos e por 82,23% do total de empregos formais existentes em 2004. A maior contribuição individual pertence ao Rio Grande do Sul, seguido por São Paulo. A predominância desses dois estados pode ser constatada no que se refere tanto ao segmento produtor de calçados de couro quanto ao de processamento e elaboração de produtos de couro propriamente dito. Especificamente na indústria coureira, o Rio Grande do Sul participa com 25,12% dos estabelecimentos e 33,33% dos empregos formalmente registrados.

São vários os setores que informam a utilização do couro como matéria-prima de seus produtos, primordialmente de vestuário, automobilístico, de mobiliário e de calçados, mas a composição do destino da produção da indústria curtidora foi mudando ao longo do tempo. Na década de 80, a fabricação de calçados consumia cerca de 70% do couro, alterando-se essa importância, de modo substancial, nas duas décadas seguintes, ao ponto de, ao final dos anos 90, tal setor responder por apenas 45% desse consumo. Os 55% restantes dividiam-se entre estofamentos, com 35%, e artefatos, vestuário e outros produtos, com 20% (Santos; Correa, 2001). A tendência atual é de continuidade do crescimento da participação das indústrias automobilística e do mobiliário.

Quanto à classificação dos couros, a mais usual é a que o classifica com *wet blue*, *crust* e acabado. O couro *wet blue* corresponde à primeira etapa do curtimento, na qual a peça sofre um banho de cromo, que lhe confere um tom azulado e molhado. Compreende reduzida agregação de valor e necessita de pouca mão-de-obra para sua execução; o *crust* é o couro semi-acabado e utiliza o *wet blue* como matéria-prima; o couro acabado, por sua vez, é o resultado da última etapa da transformação das peles em couros e consiste no produto final de maior valor agregado desse processo produtivo, empregando grandes contingentes de mão-de-obra.² É esse que tem aplicação direta nas indústrias de calçados, de vestuário, moveleira e automotiva.

Os curtumes são a unidade industrial característica dessa indústria, sendo sua classificação diretamente associada à etapa de processamento do couro a que se

dedica. Assim, têm-se os curtumes não integrados (curtume de *wet blue*, semi-acabado e de acabamento) e os integrados, que são os mais abrangentes, pois realizam todas as operações referentes ao processamento do couro. O desenvolvimento dos curtumes esteve, e ainda está, bastante atrelado ao crescimento da indústria calçadista, especialmente pelo seu direcionamento ao mercado externo, onde preço e qualidade são fatores determinantes de competitividade.

² Segundo estimativas do Centro das Indústrias de Curtumes do Brasil (CICB), a industrialização de 1.000 peças de couros/dia requer 10 empregados na fase de couro salgado, 40 na etapa *wet blue* e 300 na fase de acabamento (Costa, 2002a).

Tabela 1

Número de estabelecimentos e de empregados formais da indústria calçadista e de couros, nos principais estados produtores e no Brasil — 2004

DISCRIMINAÇÃO	CEARÁ	SÃO PAULO	RIO GRANDE DO SUL	MINAS GERAIS	BRASIL
Número de estabelecimentos					
Fabricação de calçados de couro	110	2 177	2 920	535	6 563
Fabricação de tênis de qualquer material, de calçados de plástico e de outros materiais	95	365	272	875	1 870
Curtimento e outras preparações em couro	17	187	224	83	813
Fabricação de malas, de valises e de outros artefatos de couro	76	728	688	368	2 818
Subtotal	298	3 457	4 104	1 861	12 064
Número de empregados					
Fabricação de calçados de couro	22 082	37 730	128 191	8 948	230 824
Fabricação de tênis de qualquer material, de calçados de plástico e de outros materiais	23 900	19 263	14 831	14 189	81 755
Curtimento e outras preparações em couro	2 099	8 677	16 406	3 076	43 733
Fabricação de malas, de valises e de outros artefatos de couro	520	10 503	10 930	3 136	38 294
Subtotal	48 601	76 173	170 358	29 349	394 606

FONTE: RAIS-MTE.

Aspectos da produção, mercado interno e exportação de couros e afins

O desempenho da indústria de couros tem mostrado-se fortemente influenciado tanto pela demanda da indústria calçadista nacional como pela demanda dos consumidores mundiais por calçados e couros para outros fins. Essa dupla influência explica, em grande parte, o comportamento diferenciado da produção, da exportação e da importação de couro em relação aos calçados, frente às flutuações da taxa de câmbio. Com efeito, quando a indústria calçadista nacional reduziu sua produção em função da valorização do real, os curtumes ampliaram sua exportação. A estratégia adotada para substituir o mercado interno desaquecido foi expandir a exportação de couros da fase inicial (*wet blue*) e intermediária (*crust*) de processamento, produtos de menor valor agregado. A consequência acabou sendo o acirramento da disputa entre esses segmentos da cadeia produtiva.

A Itália é o maior ofertante de couros acabados no mercado internacional, e os curtumes italianos são considerados os mais eficientes internacionalmente e

tidos como *benchmark* pelos produtores brasileiros. Com relação à demanda por couros, destacam-se Hong Kong, China, Itália e Estados Unidos como os maiores compradores, absorvendo, em conjunto, cerca de 70% da quantidade ofertada (Costa, 2002a). Os italianos adquirem peles em sua forma pré-acabada e, após beneficiá-las domesticamente, as reexportam.

A maior ou menor oferta de couros para os curtumes é condicionada ao abate do gado de corte, o qual, por sua vez, depende do tamanho do rebanho. Em 2005, conforme comenta Sacchelli (2006), foram produzidas 42,5 milhões peças de couro, cerca de 12,5% da produção mundial, volume aquém da capacidade de processamento dos curtumes brasileiros. Desse total, 66% (28 milhões de couros) foram exportados, sendo o restante comercializado no mercado interno. Para o Rio Grande do Sul, os números da produção de couros são bem menos expressivos, embora seja um dos principais estados produtores e exportadores.³ Segundo o IBGE, o

³ O *ranking* das 280 empresas exportadoras de 2005 inclui 136 unidades gaúchas (49%), mas nenhuma delas se encontra entre as seis maiores, que exportam acima de US\$ 50 milhões anuais. A maior exportadora é a paulista Bertin Ltda., faturando acima de US\$ 100 milhões (Ranking..., 2006).

abate deve situar-se em torno de 2,2 milhões de animais, e a produção de couros, em 5,5 milhões de peças, respondendo por cerca de 15% da produção nacional.

O fato de os couros — verdes, salgados ou crus — chegarem aos curtumes como um subproduto da atividade principal do pecuarista, e “sem interesse comercial de relevância” (Costa, 2002, p. 39), uma vez que representam apenas entre 7% e 10% do valor do gado em pé, significa um entrave na busca pelo aumento da qualidade no setor. Trata-se de uma situação que tende a deprimir os investimentos em qualidade por parte dos produtores primários (adoção de práticas de criação que minimizem os fatores causadores de defeitos) e dos frigoríficos (adoção de um sistema de remuneração diferenciada do couro entregue pelo pecuarista⁴ e melhoria nos procedimentos até a entrega ao curtume). A consequência mais direta é o relativo descaso com a qualidade das peles, as quais acabam apresentando imperfeições, tanto na fase pré-abate como durante o abate propriamente dito, incluindo a esfolia e a conservação.⁵ Na avaliação da Embrapa, o padrão de qualidade das peles brasileiras é baixo frente ao de outros países produtores, tais como Argentina e Estados Unidos, onde 80% das peles curtidas são classificadas como de alta qualidade, ao passo que, no Brasil, esse índice se situava entre 8% e 11%, na década de 90 (Costa, 2002). Devido a essa situação, as empresas calçadistas optam por comprar couro acabado no mercado externo, mais compatível com as exigências dos calçados de qualidade superior. A produção brasileira de couro quase duplicou nos últimos 15 anos, passando de 23 milhões de peças em 1990 para 42,5 milhões em 2005, com boa parte desse crescimento concentrado na década de 90. As exportações diretas de couro também aumentaram a sua participação nos negócios do setor, em detrimento dos volumes destinados ao consumo doméstico, tendo em vista o aumento das exportações de couro na forma *wet*

blue e a desaceleração das exportações de calçados na segunda metade da referida década. O valor adicionado às peles embarcadas pelo País decresceu, refletindo a diminuição da participação de couro acabado nas vendas ao exterior (Azevedo, 2002; Costa, 2002a).

Desde o final dos anos 90, iniciou-se um processo de modernização nos curtumes, no sentido de direcioná-los para a produção de couros acabados ou semi-acabados (*crust*), em detrimento dos couros *wet blue*, beneficiados apenas até o curtimento primário com sais de cromo. Esse processo inseriu-se numa tendência internacional de agregação contínua de valor ao produto comercializado e foi beneficiado pela criação do Imposto de Exportação de 9% sobre o valor do couro exportado na forma de *wet blue* — instituído pela Câmara de Comércio Exterior (Camex) no final de 2000 —, hoje em 7%, com o objetivo de induzir as exportações de couros de maior valor agregado.⁶

Os Gráficos 1 e 2 ilustram a evolução das exportações brasileiras de couro, conforme os tipos, nos últimos 15 anos. É possível observar que, durante os anos 90, as vendas externas de couros semi-acabado e acabado se mantiveram relativamente reduzidas e constantes e que as de couro *wet blue* começaram a crescer a partir de 1995, em resposta aos investimentos realizados, na época, em modernização de plantas. Esse comportamento estendeu-se até o início da década seguinte, quando começou a aumentar a exportação do produto com maior valor agregado, o couro acabado. Fica evidente, nos Gráficos 1 e 2, o aumento de agregação de valor, pois as exportações em valores monetários cresceram muito mais do que as expressas em número de peças de couros.

A evolução do total das vendas externas de couros no período 2000-05 também permite identificar a presença maior de exportações de couro *wet blue* em 2005, tanto no Brasil como no Rio Grande do Sul, através da diminuição do valor médio das exportações. Essa situação se mostrou mais aguda no Estado, onde, em decorrência de os curtumes passarem a exportar prioritariamente para a China e Hong Kong, devido à defasagem cambial, o valor médio das exportações caiu 50% em relação a 2004 (Tabela 2).

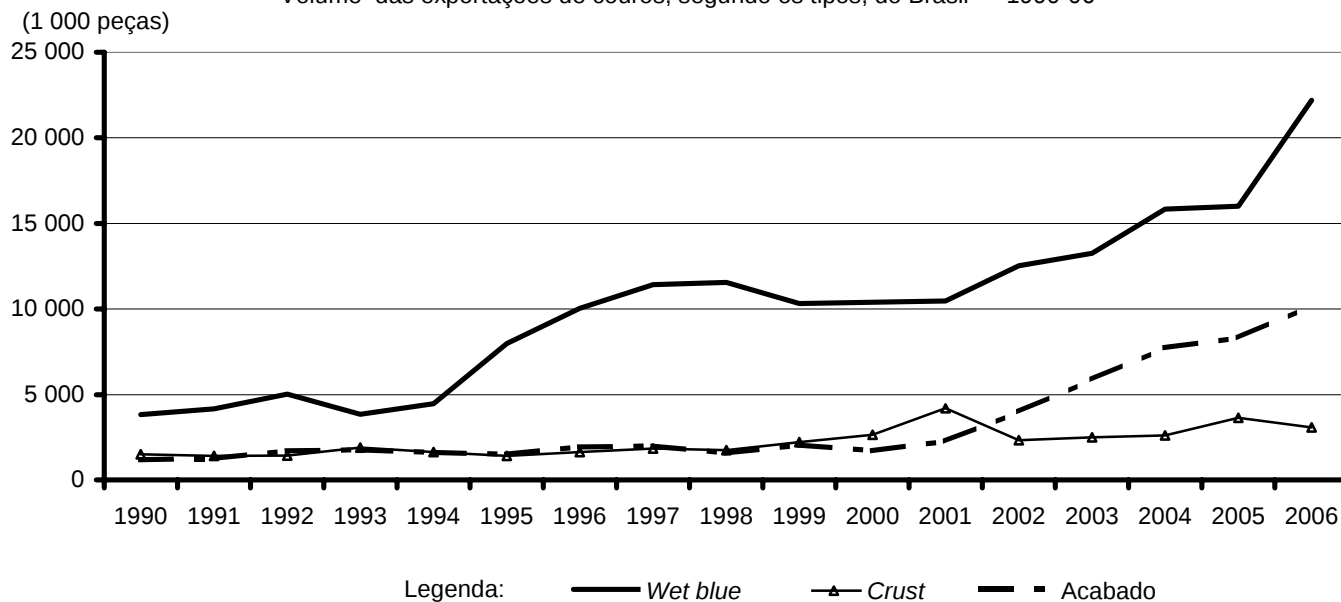
⁴ O processo de compra dos curtumes é denominado de “bica corrida” e consiste na aquisição de um período de abate dos frigoríficos, de modo a garantir o volume de produção almejado, mas sem uma avaliação qualitativa da matéria-prima. O aspecto negativo desse sistema é que ele impede um bom controle e um planejamento da qualidade dessa matéria-prima.

⁵ Segundo a Embrapa, 60% dos defeitos na pele do gado (ectoparasitas, marcas de fogo e de arame farpado, etc.) ocorrem pela forma como ele é criado nas fazendas; 10%, no transporte dos animais entre a propriedade e os abatedouros; e os restantes 30% decorrem da má conservação do couro fresco e da esfolia malfeita nos frigoríficos. Estimativas da Associação das Indústrias de Curtumes do Rio Grande do Sul apontam que o Brasil perde em torno de US\$ 1 bilhão por ano em função da qualidade do couro (Fernandes, 2006).

⁶ O imposto de exportação de 9% vigorou de 2000 a 2003, quando passou a 7%. Depois, foi prorrogado por mais um ano, para, então, ser reduzido para 4% em 2005 e 0% em 2006. Cedendo às pressões das entidades representativas do setor, essa programação foi revista, sendo mantida a alíquota de 7% em 2005, posteriormente prorrogada até dezembro de 2006.

Gráfico 1

Volume das exportações de couros, segundo os tipos, do Brasil — 1990-06



FONTE: AICSul.

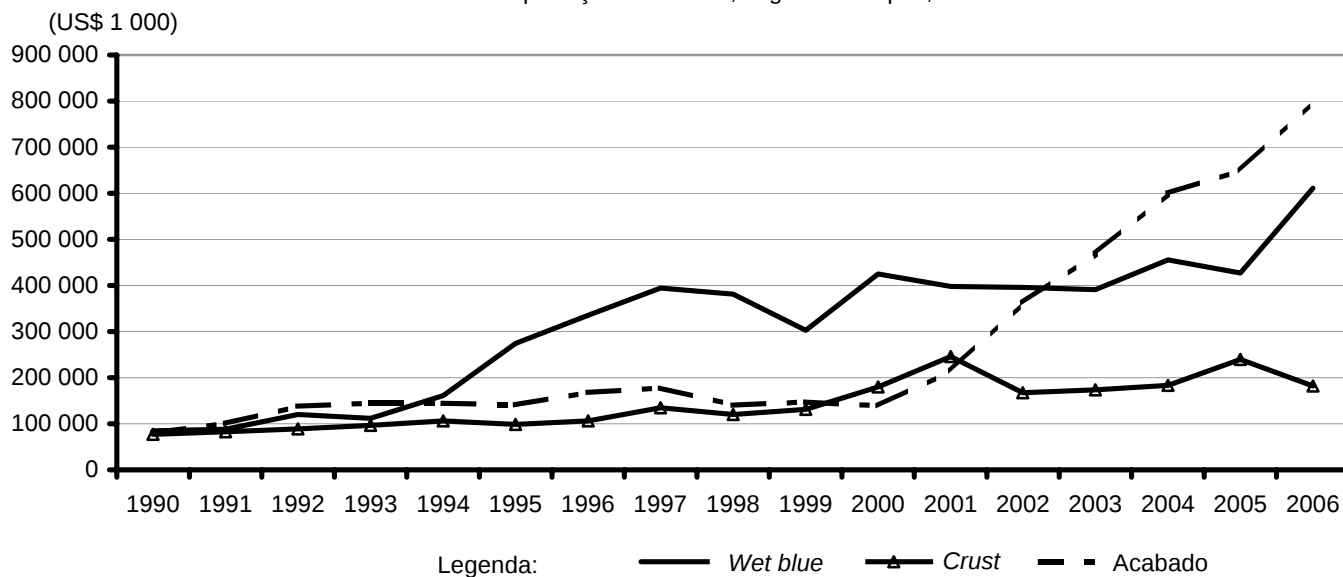
Secex/Sistema Alice.

COSTA, Achyles B. da. Ajuste competitivo do setor de curtumes do Vale do Sinos na década de 1990. **Perspectiva Econômica**, v. 37, n. 118, p. 35-54, abr./jun. 2002.

NOTA: Os dados de 2006 são estimativas.

Gráfico 2

Valor das exportações de couro, segundo os tipos, do Brasil — 1990-06



FONTE: AICSul.

Secex/Sistema Alice.

COSTA, Achyles B. da. Ajuste competitivo do setor de curtumes do Vale do Sinos na década de 1990. **Perspectiva Econômica**, v. 37, n. 118, p. 35-54, abr./jun. 2002.

NOTA: Os dados de 2006 são estimativas.

Tabela 2

Exportações de couro do Brasil e do Rio Grande do Sul — 2000-05

ANOS	BRASIL			RIO GRANDE DO SUL		
	Quantidade (1 000kg)	Valor (US\$ mil)	Valor Médio (kg/US\$)	Quantidade (1 000kg)	Valor (US\$ mil)	Valor Médio (kg/US\$)
2000	97 856	828 701	8,47	30 243	316 087	10,45
2001	106 343	956 296	8,99	40 212	338 567	8,42
2002	...	1 072 471	...	...	391 054	...
2003	153 017	1 181 332	7,72	45 803	428 017	9,34
2004	159 637	1 438 991	9,01	51 999	485 108	9,33
2005	202 056	1 558 085	7,71	98 389	484 183	4,92

FONTE: MDIC/Secex.

A indústria de couros em 2006

Ao contrário dos resultados desfavoráveis obtidos pela indústria calçadista desde o início de 2005 e continuando em 2006, a indústria de couros vem mantendo grande dinamismo. Tanto a produção como a exportação vêm crescendo constante e consistentemente nos últimos anos. O segmento de curtumes no Brasil exportou US\$ 1,4 bilhão em 2005 e deverá atingir a marca de US\$ 1,6 bilhão em 2006, conforme estimativas do Centro das Indústrias de Curtumes do Brasil. É muito provável que essa meta seja atingida, haja vista que, no acumulado jan.-jun./06, conforme dados divulgados pela Secex, o valor exportado foi de US\$ 863 milhões (Brasil) e de US\$ 238 milhões (Rio Grande do Sul), o que representou um crescimento de, respectivamente, 27,80% e 18,26% sobre o mesmo período de 2005 (Tabela 3).

Em termos de criação de empregos, dados do Caged referentes aos cinco primeiros meses de 2006 indicam a criação de 2.311 postos de trabalho na indústria de couros (incluindo curtumes e fabricantes de malas, valises e artefatos de couro), no Brasil, e de 1.090 no Rio Grande do Sul. Informações divulgadas pela Assintecal também dão conta de crescimento nas exportações do setor de componentes, acompanhado de uma expectativa de criação de 4.000 novos empregos em 2006 (Greiner, 2006).

As razões para esse comportamento diferenciado dos principais segmentos que compõem a cadeia coureiro-

-calçadista são internas e externas. A indústria calçadista vem acusando mais intensamente os efeitos desfavoráveis da concorrência chinesa, da carga tributária elevada e da valorização cambial. Além disso, nos últimos anos, tem ocorrido um certo distanciamento entre a fabricação do couro e a do calçado nacional, uma vez que este último começou a ser suprido, crescentemente, com outros materiais, como sintéticos e tecidos, de sorte que o couro já não é mais tão dependente do calçado (Couro..., 2006). A situação de crise presente na indústria calçadista do Brasil reflete-se na diminuição expressiva da participação da mesma no total das exportações da cadeia coureiro-calçadista (de 70% em 1990 para os atuais 45%), em contraposição ao crescimento da importância das indústrias coureiras brasileira e gaúcha, que vêm diversificando o destino de sua produção em termos dos segmentos da demanda final, acompanhando a tendência mundial. As indústrias de artefatos de couro, vestuário e estofamento de móveis (couro residencial) e automóveis (couro automotivo) ampliaram sua representatividade de 30% para 55% da procura (20% para vestuário e 35% para estofamentos). A incorporação do elemento moda ao potencial de crescimento do segmento de couros acabados tem contribuído para a maior segmentação da demanda: “[...] nos anos 2000, o grande foco foi realmente a moda brasileira, que agregou valor ao segmento [...] curtidores brasileiros estão trabalhando em nichos de mercado focados para a moda” (Fernandes, 2006).

A moda tem-se constituído num efetivo elemento diferenciador no segmento de couros acabados para

outros usos exceto a indústria calçadista. As tendências recentes mostram, inclusive, o desenvolvimento de *design* em couros como uma nova forma de acrescentar valor ao produto final. Além disso, os defeitos decorrentes das técnicas de manejo do gado são corrigidos quimicamente, e o couro brasileiro tem boa aceitação nos mercados de estofamento norte-americano, europeu e chinês, pela sua maior envergadura, produzindo peças de 4,5 m², em média, e por constituir-se de fibras mais resistentes.⁷ Conforme comenta o Gerente de Pesquisa e Aplicação da empresa química TFL, “O *boom* da tecnologia mundial está no acabamento, enquanto o recurtimento está estagnado e o curtimento inicia uma mudança com a biotecnologia”, referindo-se, neste último caso, às pesquisas de substituição do sulfeto de sódio, na depilação, por enzimas (Furtado, 2004).

O desempenho do Rio Grande do Sul continua abaixo do nacional, onde as elevadas taxas de crescimento obtidas decorreram do aumento substancial da exportação de couro *wet blue*, de baixo valor agregado. Por serem principalmente direcionados para a produção e a exportação de couros mais acabados, ressentem-se mais da defasagem cambial existente, a qual reduz a competitividade de produtos com maior agregação de valor. Deve-se ressaltar, contudo, que o Estado ainda responde por 30% das vendas externas brasileiras de couro, o que representou US\$ 424 milhões em 2005.

Os números referentes às exportações do primeiro semestre, quando comparados com os do mesmo período de 2005, refletem bem essa situação (Tabela 3). O desempenho das vendas externas brasileiras foi melhor em quantidade do que em valor, indicando a primazia de exportações de produtos com preço médio mais baixo, no caso, o couro *wet blue*. Por sua vez, os dados relativos às vendas externas do Rio Grande do Sul indicam uma situação oposta, com um melhor desempenho em termos de valor, refletindo um valor médio, por peça, mais elevado. A Tabela 3 apresenta também as informações sobre as exportações de calçados, que continuam negativas, mais uma vez sinalizando o comportamento divergente que se faz presente entre os segmentos da cadeia produtiva do couro.

As empresas gaúchas estão cada vez mais investindo no segmento de exportação. Segundo pesquisa realizada pelo Centro Universitário Feevale, de

Novo Hamburgo-RS, 52,1% das empresas tinham relação com o mercado externo no período 2003-05, sendo que 30,6% delas têm mais de 70% de seu faturamento resultante de vendas para esse mercado, basicamente China e Estados Unidos. Das empresas exportadoras, 63% eram médias e grandes, sendo que, desse percentual, a metade produz couro acabado, 35% se dedica ao semi-acabado, e 33% têm produção de *wet blue* (Curtumes..., 2006).

A permanência do Imposto de Exportação sobre o couro *wet blue* é importante. O tributo introduz isonomia nas condições de competitividade entre os produtos que absorvem menor grau de industrialização em seu processamento e aqueles que exigem um maior número de etapas manufatureiras até chegar à sua fase final (couro acabado). A manutenção do Imposto justifica-se ainda em termos de defesa da competitividade do setor frente a concorrentes internacionais e da transferência de postos de trabalho e de divisas para outros países. Alguns países no âmbito da União Européia, por exemplo, isentam de alíquota de importação o couro *wet blue* e taxam os couros acabados (6,5% no caso), o que lhes permite reexportá-lo sob a forma manufaturada (calçados e artefatos de couro), rebaixando a vantagem competitiva de produtores brasileiros. A restrição à exportação da matéria-prima deve ser vista também sob o prisma de uma política industrial ativa de aumento do valor agregado dos produtos exportados e de aumento de emprego na cadeia produtiva.

Para atender à crescente demanda pelo produto couro e para aumentar a sua qualidade, têm sido desenvolvidos alguns programas e incentivos. Destaca-se a criação, em outubro de 2004, do Programa Brasileiro da Qualidade do Couro, com o objetivo de conscientizar os agentes da cadeia produtiva sobre a importância da qualificação da matéria-prima couro desde a sua origem, buscando, com isso, reduzir as perdas contabilizadas com defeitos nas peças produzidas. O aporte de recursos para a sua execução foi de R\$ 6 milhões (Fernandes, 2006).⁸ Outra iniciativa é o convênio firmado, em junho deste ano, entre o CIB e a Agência de Promoção de

⁷ O couro bovino nacional é predominantemente das raças zebu e nelore, que são animais de porte maior do que os europeus, os quais produzem peças de 4m², em média, e cujas fibras, mais delicadas, são mais apropriadas para sapatos e roupas.

⁸ Desenvolvido em cinco módulos (esfola, pecuarista, universitário, caprinos e ovinos e peles exóticas), o Programa Brasileiro da Qualidade do Couro, uma iniciativa conjunta do CIB e do Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), prevê o desenvolvimento de ações pontuais e objetivas para a obtenção da qualidade do couro brasileiro. Em um ano de atuação, ele capacitou quase 60.000 produtores, profissionais, universitários e alunos de escolas agrotécnicas de 23 estados.

Exportações e Investimentos (Apex-Brasil), no âmbito do Programa Brasileiro para Expansão das Exportações de Couro, o qual consiste em financiar a execução de diversas ações promocionais com vista à ampliação da participação no mercado internacional do couro de maior valor agregado. O aporte de recursos para o setor coureiro é de R\$ 6,3 milhões.

A última novidade é a Lei do Couro, aprovada no final de 2005 e ainda em fase de regulamentação, que deverá contribuir para a promoção de ganhos de qualidade no processo de produção e comercialização de couros e peles através da clara identificação da matéria-prima, com benefícios para produtores, consumidores e demais elos da cadeia produtiva.

Tabela 3

Exportações de couro e de calçados de couro do Brasil e do Rio Grande do Sul — 2005 e 2006

DISCRIMINAÇÃO	2005				2006		VARIAÇÃO %	
	1º Semestre		2º Semestre		1º Semestre		$\frac{1^\circ \text{ SEM}/06}{1^\circ \text{ SEM}/05}$	
	Quantidade (1 000kg)	Valor (US\$ mil)	Quantidade (1 000kg)	Valor (US\$ mil)	Quantidade (1 000kg)	Valor (US\$ mil)	Quantidade (1 000kg)	Valor (US\$ mil)
Brasil								
Couros e peles (exceto peleterias)	160 289	675 516	176 569	725 613	208 497	863 309	30,08	27,80
Obras de couro	11 767	65 532	12 415	73 410	11 392	63 826	-3,19	-2,60
Peleterias	396	7 841	498	10 173	577	12 298	45,93	56,84
Subtotal	172 452	748 889	189 483	809 196	220 466	939 433	27,84	25,44
Calçados de couro e suas partes	57 704	967 279	52 547	1 012 088	51 531	955 021	-10,70	-1,27
Total do Brasil	230 156	1 716 168	242 030	1 821 284	271 996	1 894 454	18,18	10,39
Rio Grande do Sul								
Couros e peles (exceto peleterias)	32 587	201 049	33 224	223 203	36 874	237 762	13,15	18,26
Obras de couro	6 346	24 115	4 587	18 261	3 855	15 910	-39,26	-34,02
Peleterias.....	375	7 711	456	9 845	572	12 098	52,48	56,90
Subtotal	39 309	232 875	38 268	251 309	41 301	265 771	5,07	14,13
Calçados de couro e suas partes	33 315	664 809	30 209	695 659	27 436	638 966	-17,65	-3,89
Total do RS	72 623	897 684	68 476	946 967	68 736	904 737	-5,35	0,79

FONTE: MDIC/Secex.

Considerações finais

O fato de o Brasil ser um grande produtor de carnes favoreceu historicamente o desenvolvimento das indústrias de transformação de couros e de calçados de couro, a partir do Rio Grande do Sul, estabelecendo-se uma relação de dependência entre elas. Esses laços, contudo, começaram a enfraquecer em decorrência do desenvolvimento e da utilização de materiais sintéticos e alternativos na produção de calçados.

O resultado desse processo, juntamente com a crise que se abateu principalmente sobre a indústria calçadista gaúcha, tem estimulado o aumento das exportações, contribuindo para o bom desempenho da indústria de couros no período recente. Um aspecto importante, que tem-se mostrado cada vez mais presente, refere-se à maior agregação de valor compreendida na produção e na exportação do couro na sua forma acabada, ou seja, nos estágios finais do processamento, com efeitos especialmente expressivos pelo maior volume de emprego necessário. A alteração na composição das exportações e a manutenção da taxa sobre as exportações de couro *wet blue* instituída em 2000, com o objetivo principal de estimular a produção de couros com maior valor agregado tanto para o mercado interno como para o externo, paralelamente à introdução de programas que visam aumentar a qualidade e a competitividade do couro brasileiro, apontam a expansão dessa indústria. Um segundo fator que tem contribuído para o bom desenvolvimento da indústria de couro nos últimos anos é o esforço empreendido pela mesma para diversificar os segmentos da sua demanda final, voltando-se, cada vez mais, para a produção e a exportação de couros para os mercados mobiliário e automotivo.

O bom desempenho das indústrias coureiras nacional e gaúcha no primeiro semestre de 2006 contempla esse conjunto de fatores, mas também reflete a influência da valorização do real atuando desfavoravelmente sobre a competitividade dos couros nacionais no mercado internacional. Observa-se a continuidade da alteração da composição das exportações iniciada no segundo semestre de 2005, no sentido de uma maior exportação de couro nos primeiros estágios de processamento (*wet blue*), o que tem deprimido o valor médio do couro brasileiro, acarretando uma entrada de divisas no País relativamente menor, paralelamente a uma também menor geração de postos de trabalho.

Referências

- AZEVEDO, Paulo Furquim de. **Competitividade da cadeia de couro e calçados**. Relatório para o Fórum da competitividade da cadeia produtiva de couro e calçados. Brasília: MDIC/PENSA, 2002. Disponível em: <http://www.desenvolvimento.gov.br/arquivo/sdp/proAcao/> Acesso em: 14 jun. 2006.
- COSTA, Achyles B. da. Ajuste competitivo do setor de curtumes do Vale do Sinos na década de 1990. **Perspectiva Econômica**, v. 37, n. 118, p. 35-54, abr./jun. 2002.
- COSTA, Achyles B. da. Cadeia couro-calçados. In: **Estudo da competitividade de cadeias integradas no Brasil**: impactos das zonas de livre comércio. Campinas: Unicamp, 2002a.
- COURO decreta sua independência. **Jornal Novo Hamburgo**, 25 jun. 2006. Disponível em: <http://www.assintecal.org.br/assintecal/web/> Acesso em: 10 jul. 2006.
- CURTUMES do RS voltados à exportação. **Jornal Exclusivo**, Novo Hamburgo, n. 2327, 26 jun. 2006. Disponível em: <http://www.assintecal.org.br/assintecal/web/> Acesso em: 14 jul. 2006.
- FERNANDES, Amadeu Pedrosa. **Setor coureiro foca em produtos de maior valor agregado**. Entrevista concedida em 9 mar. 2006. Global21. Disponível em: <http://www.global21.com.br/entrevistas/> Acesso em: 15 maio 2006.
- FURTADO, Marcelo. Couro: curtumes aderem ao acabamento, mas governo prefere apoiar o *wet blue*. **Revista Química e Derivados**, São Paulo: Qd, n. 423, fev. 2004. Disponível em: <http://www.quimica.com.br/revista/qd423/couro1.htm> Acesso em: 4 jun. 2006.
- GREINER, Márcia. Comércio exterior — Revolução chinesa. **Revista CNI — Indústria Brasileira**, Brasília: CNI, n. 65, p. 38-41, jul. 2006.
- NORONHA, Eduardo G.; TURCHI, Lenita M. **Cooperação e conflito**: estudo de caso do complexo coureiro-calçadista no Brasil. Brasília: IPEA, 2002. (Texto para discussão, n. 861).

RANKING 2005 — cresce o número de exportadores e apenas seis empresas exportam acima de US\$ 50 milhões. **Revista Courobusiness**, ano 8, n. 45, mar./abr. 2006. Disponível em:

<http://www.courobusiness.com.br/comercio/60.php>

Acesso em: 12 jul. 2006.

SACCHELLI, Umberto, C. Liderança no mercado de couro. **Gazeta Mercantil**, 13 jul. 2006. Disponível em:

<http://www.brazilianleather.com.br/> Acesso em: 15 jul. 2006.

SANTOS, Ângela, M. M.; CORREA, Abidack, R. **Panorama do setor de couro no Brasil**. Rio de Janeiro: BNDES, 2001. (Informe setorial, n. 18).